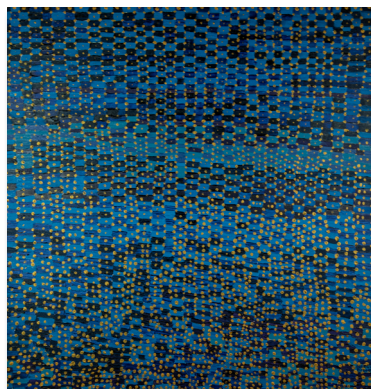


A cidade, as pedras e os sonhos

SOLANGE SCHRAMM

Visto do espaço, a partir de fotografias noturnas, o planeta parece coberto por uma dourada poeira cósmica, irregularmente derramada por sua superfície. Manchas em formas orgânicas dispersas, fragmentadas, como raízes, emaranhado de galhos ou meandros de rios. Desenho controlado, rigoroso traçado em xadrez, linhas retas, haste metálica luminosa – autoestradas. E centenas de pontos de intenso brilho, pequenos ou agigantados, sobre o azul marinho da imagem planificada. De muito longe, do frio e do silêncio de onde foram captadas, aquelas luzes concentradas – as grandes ou megacidades – surgem como pedras preciosas que resplandecem conforme o ciclo diário, como sentenciou o pesquisador: “ao contrário dos humanos, a terra nunca dorme” (Nasa, 2012).¹ Mas nem tudo que refulge é ouro, ensina a sabedoria popular. Conviria acrescentar: os homens, as mulheres, as crianças, todos, dormem cada vez menos na vida dura naqueles pétreos aglomerados.



O mundo é majoritariamente urbano e, segundo projeções, a proporção deverá chegar a 68% em 2050, com a previsão de mais de setecentas cidades com mais de milhão de habitantes, anunciando uma “era urbana” (ONU-Habitat, 2022). A metrópole contemporânea é um artefato sem precedentes, abrigando novas e ampliadas funções, alcançando territórios distantes, no mundo em

SOLANGE SCHRAMM

Arquiteta e Urbanista. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC.
Email: solange.schramm@ufc.br

¹ Steve Miller, pesquisador da National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA) e do Instituto de Pesquisa da Atmosfera da Universidade Cooperativa do Colorado, nos Estados Unidos.

redes de ininterruptas conexões, segundo a lógica da globalização da economia. Com todo o aparato tecnológico que as erguem e as fazem funcionar, tem como protótipo as cidades que cresceram exponencialmente a partir da Revolução Industrial, quando se tornaram inúteis as muralhas que as delimitaram. Desde então, cristalizando a ordem capitalista, o recipiente e o conteúdo da cidade histórica mudam profundamente.

As transformações dos meios de produção e o crescimento demográfico dilaceram a forma da cidade lentamente tecida em séculos. “Os principais elementos do novo complexo urbano foram a fábrica, a estrada de ferro e o cortiço”, resume Lewis Mumford (1998, p. 484). As bruscas mudanças quantitativas e qualitativas ensejam a estruturação de novos campos do conhecimento, a exemplo do urbanismo. A partir do final do século XVIII, proposições de estudiosos objetivam remediar os problemas decorrentes das demandas das aglomerações, sobretudo a habitação e todos os serviços correlatos. O novo modo de vida impõe às multidões o fatigante cotidiano tensionado entre extensas jornadas laborais e as precaríssimas condições de moradia: “É difícil imaginar a desordenada mistura das casas, que troça de toda a urbanística racional, o amontoamento (...)” observou Engels acerca dos “restos da velha Manchester pré-industrial”, em 1845 (Benevolo, 1993, p. 565). Publicado quarenta anos depois, o clássico *Germinal*, de Emile Zola ilustra melhor do que um tratado as condições de vida dos trabalhadores das minas. Esses cenários não estão muito distantes dos dias atuais, quando cerca de um bilhão de pessoas moram em favelas.²

No século XX, são numerosas as propostas dos arquitetos e urbanistas no afã de regenerar parte da cidade existente, a exemplo da sugestiva denominação do plano urbano elaborado pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier com o objetivo de dotar Paris de áreas verdes, luz e amplitude: “Cidade Radiante”.³ Em nova escala e em novas formas, persiste o drama dos habitantes das grandes cidades hodiernas, seja quanto aos fatores socioeconômicos ou no que concerne às infraestruturas urbanas. Ainda que esse

2 Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT).

3 *Ville Radieuse* foi um plano urbano, não implementado, concebido em 1924, pelo arquiteto franco-suíço Charles-Édouard Jeanneret, conhecido por Le Corbusier, um dos principais expoentes da arquitetura e do urbanismo no século XX.

drama seja vivido de forma singular, em cada contexto, somam-se congestionamentos, exposição à poluição, trabalhos exaustivos. “Um ruidoso enxame de *Eus*” (Mumford, 1998, p. 484 e p. 22) padece de uma rotina desnutrida de sentido, imersos numa era de atroz individualismo, competitividade, carência de espaços de convivência coletiva no pendular trajeto casa-trabalho.

A metáfora mecanicista da cidade, das funções urbanas ou do movimento de seus habitantes pode ser ilustrada numa imagem formulada pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha: “São oito horas da noite e um homem frita um ovo no décimo andar de um edifício”.⁴ Esse habitante urbano prepara seu jantar a uma altura de mais de trinta metros do solo, acrescentou o ilustre professor. Seria fastidioso enumerar todo o trabalho embutido, as infraestruturas, as tecnologias da construção, de transporte, de distribuição, de toda ordem, para que ocorra tão cotidiana cena. Pode-se supor que outros milhares de habitantes, da mesma cidade, repitam, no mesmo horário, ação semelhante. Após duas ou três horas, aquele homem vê, a partir de sua janela envidraçada, dezenas de outros retângulos de luz paulatinamente apagados. No dia seguinte, o solitário morador do décimo pavimento volta a participar da engrenagem ou da rede em que está enredado.

É possível expandir essa imagem inicial sugerida pelo professor arquiteto e, em um exercício de imaginação, percorrer as ruas da hipotética cidade, quando uma multidão, partindo de diferentes pontos da urbe, fará gestos semelhantes. Nenhuma cidade em particular, uma pálida ideia de muitas, sem uma fisionomia definida. Talvez uma dentre as quinze cidades com mais de um milhão de habitantes, no Brasil, que, espantosamente, concentram aproximadamente um quinto da população do país.

O morador do *arranha-céu* não utiliza *transporte de massa* para se deslocar (a força semântica dos termos desgastada pelo uso). A nudez do concreto aparente do prédio em que habita revela-se nos poucos e potentes pilares da garagem, liberando amplo

⁴ Palestra proferida pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, a convite do Departamento do Ceará do Instituto de Arquitetos do Brasil, na cidade de Fortaleza (CE), no início da década de 1990. Anotações da autora.

entrecolúnio (o arquiteto e a utopia em projetar espaços generosos para todos...). Alcança a rua, onde o silêncio é rompido apenas pelo barulho estridente do cortador da grama sempre aparada e arbustos geometricamente podados, no prédio vizinho, dotado de fachada de vidro, muro de vidro espelhado por uma película reluzente que devolve, duplica e confunde o transeunte ou motorista desavisado. Aguado o jardim, brilha o piso liso e branco. Até parece não haver outros habitantes além do jardineiro e do porteiro: olhos atentos, rua deserta, calmaria hostil.

Alcançando a larga avenida, o movimento intenso penetra no carro como um filme mudo: a música e a temperatura amena do interior do automóvel proporcionam um filtro, um antídoto para o burburinho urbano, para o vento solto, para qualquer estímulo aos sentidos. Sinal fechado. Travessia. Passos apressados. Na esquina, um pequeno grupo, uns encostados na mureta do prédio comercial, outros em bancos plásticos, se organiza em torno do carrinho do café, sala provisória na calçada. Conversas, algum riso, breve alento antes de se dispensarem, cada um em sua faina. Um motoqueiro interpõe-se entre duas fileiras de carro. Entreolham-se rapidamente, o homem e o entregador de aplicativo. Por alguns segundos, eles estão a quatro ou cinco palmos um do outro, ocupando o mesmo metro quadrado de asfalto, proximidade fugaz que rapidamente se desfaz com a luz verde do semáforo. A cidade é um mapa que cada um tem na cabeça.

Na janela do ônibus, mais à frente, uma mulher cochila, rosto colado ao vidro. Morando distante do local de trabalho, acorda mais cedo, dorme mais tarde, sofre com insônia, tem sono desassossegado. É necessário caminhar alguns quarteirões até pegar a condução. No trajeto, calçadas incertas, poças d'água da chuva recente, a sequência do casario miúdo rompido apenas por pequenos comércios, alguma oficina, uma escola, não muito diferente das casas, apenas maior. Nenhuma pracinha naquele trajeto. Quanto às árvores, devem estar pelos quintais. No lugar de uma copa verde, apenas o trançado da fiação. São quase duas horas até o local de trabalho. No final do dia, ela senta outra vez junto à janela, mas não consegue fechar os olhos. A cidade não dá sossego. Luminosos, enormes anúncios em outdoors e nas empenas dos edifícios disputam a sua atenção: uma lata de refrigerante

gigante, o perfume cor de rosa, a garota sorridente da propaganda do banco: “Você merece muito mais”. Tudo parece um tanto indecifrável, somatória de imagens desconectadas, alheias. A cidade é um caleidoscópio, borrão multicolor entrevista da pequena janela do coletivo. Ponto final. Início de mais uma jornada.

O termo *habitante* tem como raiz o verbo *habeo*, que, em latim, “significa manter relações com alguma coisa”, pressupondo uma dimensão “existencial e tempos dilatados”, ensina o professor Ulpiano Bezerra de Meneses (2012, p. 27). Quais possíveis formas de enfrentamento ou subversão de uma ordem que subtrai ao ente urbano o sentido primordial de *habitar*, conviver, onde cada pessoa está presa aos limites estreitos de suas próprias demandas, rotinas e desejos? É possível encontrar alternativas para expansão da vida, lugares dos encontros cotidianos, pensar o *habitat* do compartilhamento solidário das pequenas alegrias e esperanças, dirimindo o sentimento de solidão e desamparo? Onde estão as crianças? Onde brincam? Onde estão os velhos? E os animais domésticos, os pássaros? Na cidade esgarçada, apesar dos limites impostos pela lógica da especulação imobiliária, onde encontrar esses lugares de resistência? O espaço urbano, especificamente o espaço público, não é um mero receptáculo das práticas que neles ocorrem; seu pleno usufruto e apropriação pela população podem vir a abrigar vivências coletivas, fomentando sentidos de enraizamento, do lúdico, do encontro, do sonho.

Os poemas do arquiteto Napoleão Ferreira sugerem a possibilidade desse horizonte. Sua percepção fina e arguta sobre a vida dos habitantes das grandes cidades desenha a crueza, a agressividade, a angústia, o cotidiano massacrante da urbe. Seu acurado senso da realidade constrói, por meio de metáforas e imagens vigorosas, cenários urbanos – ruas, praça, mercado, prédios – que remetem a ideias de controle, desencontro, alienação. Entretanto, essa visão não obscurece nesgas de luz “para toda coisa persistente no viver”, como diz o autor. O senso de humor, a brincadeira, a resistência, pessoas com um rosto – um vizinho, talvez – mães, meninos, meninas. Da mesma forma, o autor apresenta estratégias populares em subverter ou conferir usos significantes ao espaço urbano, que “assemelham-se a valores ocultos, em

áreas silvestres, a tesouros encerrados em jazidas que é preciso explorar” (Santos, 1985, p. 12). Festa, folia, paisagem humana. À aridez contrapõe-se “alguma planta plantada em latas (...) pétalas multicores; às pedras, ao caminho das pedras, a possibilidade dos sonhos, “um jeito de viver, sorrir sem esmorecer”.

Poemas de Napoleão Ferreira

Ciclo

Na parede, um novo calendário;
de folhas impressas com datas
e um retrato do paraíso;
toma de conta das cabeças
que costumam querer felicidade,
e aviamentos completos de esperança.

O giro concluso em torno do Sol,
propicia fogos de artifício;
miúdas euforias, varejo de sonhos,
e atacado celebrante de esperança:
talvez para o ano e doravante,
a pólvora será apenas para a festa.

No carrossel luminoso da virada,
o mecanismo do relógio desejante
pondera ir além do si mesmo,
e, ao mundo, conceber a trégua;
o diamante cor-de-rosa,
soterrado nos escombros.

Quem sabe, o perene cessar-fogo
venha a florescer, compartilhado,
o viver, por graça e direito de nascença.
Custa nada, crer no improvável;
que borbulha nos cálices dourados
e se esvai, ao aluir dos incensórios.

Observatório do Incerto

Um gavião sobrevoa o alento das coisas
desimportantes da colmeia humana:
transeuntes fragmentados de cores
a rumar sobre as faixas cinzas das calçadas;
automóveis no rio negrume do asfalto,
a singrar e cantar o refluxo das ondas;
postes perfilados a desfiar a medusa
elétrica, de euforias e lamentos.
A cidade é oceano de anseios
e desesperos com odor de petróleo .
A cidade é trama de destinos em teia,
sobre o olho frio do relógio.
O hiato destino, desencontro de céu e terra,
anuvia o cindido horizonte urbano.
Enquanto os pássaros citadinos,
refugiados nas árvores domesticadas dos canteiros,
insistem em avisar que, acima das mais altas antenas,
o sol teima em brilhar
para toda coisa persistente no viver.

Arquitetura Dura

A gente que mora no prédio brutalista
sabe porque desmorona o cinza,
sabe porque as horas revoam,
sabe porque o tempo circunvagueia perdido.

A gente que mora no prédio brutalista
perdeu o senso da utopia,
perdeu o vezo da palavra,
perdeu a esquina dos dias.

A gente que mora no prédio brutalista
desquer a paisagem,
desquer a mata daninha,
desquer desígnio qualquer.

A gente que mora no prédio brutalista
tem o abismo que habita n'alma,
tem a visão translúcida do caos,
tem a certeza do incerto vão.

Viva Cidade

Em pé, dentro do ônibus,
um homem de meia-idade
conta a sua história de vida
para outro, desinteressado,
e para mais quem tenha ouvidos.

O fito de nunca endoidecer
é vezo geral e suplicio comum.
as narrativas banais ficam tatuadas
na testa da memória coletiva;
que vem à tona, espontânea
e recorrente, feito defeito de fala.

Uma central de abastecimento;
com seus odores e cores vegetais;
como uma grande biblioteca
de saberes e dissabores populares.
Um meio de ir driblando a vida;
as desditas e contendas enfrentadas,
pela estratégia do chiste,
das teimas de futebol,
e das descaradas vaias;
a tudo no mundo aflitivo.

Na praça do Centro Velho,
montado em seu cavalo,
o General, petrificado, brada
um discurso anacrônico;
enquanto a vida real, indiferente,
circunda seu maluco pedestal.

Bugigangas, quinquilharias e pregões;
resumo do ser sendo só o que é.
Sem paetês sem sombras.
Apenas o jeito certo de viver

Cercania

O bairro, ruas mornas da tarde,
beirais, alguma planta plantada,
em latas; ferrugem e terra,
e pétalas multicores.

Na esquina, o mercadinho do Wilson;
em cima a casa do Wilson:
sentinela do cotidiano;
janela de dar conta do mundo
e tecer versões de notícias.

Vez por outra, a viatura sinistra
fareja toco de polícia;
a caminho da boca.
Meninos nus, da cintura pra cima.
Meninas no outro mundo, das novelas,
atentas e sonhantes.

Essa é uma tarde silenciosa;
quando velhos jogam dominó,
na sombra da ladeira,
e mães, com casas arrumadas,
pranteiam melodramas
de finais felizes, na televisão.

O bairro, afinal, não é só moradias
e o sistema viário .
O bairro é paisagem humana;
pessoas e suas vivências,
na escassez suburbana.

O bairro se manifesta folia,
tipo Copa do Mundo,
São João ou Carnaval.
O bairro é um jeito de viver,
sorrir, penar sem esmorecer.

O bairro tem certeza de si mesmo,
e segue sendo o que é:
refúgio e torvelinho,
no meio do vendaval.

No liquidificador das impossibilidades
– que a tudo transforma –,
uma nação; com bandeira e hino;
outrora fora um bairro;
em sua ínfima glória!

Bons Dias, Àqueles

Pão, mesa e solidão envolta,
nos perfumes matinais.
A padaria vende sonhos
e outras substâncias viciantes em vida.

O cachorro hesita em entrar.
A porta é de vidro; vai e vem,
de gente desperta, com poder aquisitivo
e desdém generalizado.
Do lado de fora, o rescaldo
da tragédia noturna, cotidiana.

A luz dispersa alguma culpa,
no clima refrigerado, entre os iguais,
e os que servem.
O pão é privilégio indivisível
e a Última Ceia é uma maravilha
da arte renascentista.

Exclusiva é a manhã; hora de sorrisos
entre pares bem nutridos;
sortidos de cartões, cédulas,
e carentes de remorsos.

Que tenha um bom dia,
comunidade do panifício!
Enquanto essa nuvem sombria suspira
moscas, dentro dos balcões transparentes.

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993, p. 565.

MENESES, Ulpiano Toledo B. de. O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**, Ouro Preto/MG, 2009. Anais, v. 2, tomo 1. Brasília: IPHAN, 2012.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

NASA revela fotos noturnas da Terra com detalhes inéditos. **BBC News Brasil**, 6 dez. 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/12/121206_nasa_galeria_fn>. Acesso em: 28 fev. 2024.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira (Org.). **Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: IBAM/FINEP; Projeto, 1985.

ONU-HABITAT. **Relatório Mundial das cidades 2022: *Envisaging the Future of Cities***. Nairobi: ONU-Habitat, 2022. Disponível em: <<https://unhabitat.org/world-cities-report-2022>>. Acesso em: 28 fev. 2023.